

EDITORIAL

Falta de médicos

Em 1990, quando a média nacional apontava um médico para grupos de 595 habitantes (o ideal seria a relação 1:300), a Bahia disponibilizava um para 1.563. Ocupava, então, o 16º lugar no ranking brasileiro de escassez de médicos. Em 2005, a escassez se acentuou: um médico para 1.021 habitantes, conforme pesquisa da Fundação Getúlio Vargas.

Além da insuficiência de médicos, a Bahia distribui mal os que possui, cerca de 15 mil em atividade. Destes, 8 mil se concentram em Salvador e seu entorno, o que permite a boa relação de 1: 400. Os 7 mil restantes têm de cobrir a demanda da população interiorana, calculada em cerca de 10,8 milhões. Ou seja: um médico para 1.542 habitantes.

É pouco para um Estado que teve a primazia de instalar a primeira Faculdade de Medicina da América Latina, famosa pela excelência de seu ensino, e que ao longo de mais de um século atraiu estudantes e formou médicos para si e para quase todos os Estados do Nordeste. Esses médicos voltaram a seus torrões natais.

O problema da má distribuição de médicos resulta, pelo visto, da incapacidade da Bahia em fixá-los, principalmente no interior, sem hospitais aparelhados, bens culturais e equi-

pamentos de lazer diversificados, além da falta de moradias e salários condignos. Mas ocorre outro fator: cidades mais prósperas, como Vitória da Conquista, com 450 médicos inscritos, dos quais 400 nela residem, atendem dezenas de municípios.

O mesmo se passa em Itabuna e Ilhéus, também centros médicos adiantados. Na verdade, o que falta mesmo é uma política de saúde centrada na permanência de médicos no Estado, para tirá-lo dessa triste posição de 19º lugar no quadro das carências nacionais. Dias atrás veio à tona a alarmante falta de pediatras, especialização desestimulada nos últimos anos pela baixa remuneração.

Faltam investimentos em saúde. Mas esta é apenas uma parte visível do problema: para as entrelinhas das planilhas foi alijada uma política global de saúde pública que contemple a formação de médicos em suas várias especialidades, segundo a pauta de necessidades no mapa geopolítico da Bahia. Nesse caso a Bahia não estaria agora a lamentar que o socorro enviado ao Rio de Janeiro, para combater a epidemia de dengue, tenha deixado aqui postos de saúde sem pediatras em número pequeno, enquanto filas e queixas crescem.